Globethics Repository

Globethics

“Por que morreremos na tua presença?” [“Why should we die in thy presence?”]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Agostini Fernandes,Leonardo
Publisher	Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-11 02:35:13
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/156386

Perspectiva Teológia adere a uma licença
não comercial 3.0 Creative Commons

"POR QUE MORREREMOS NA TUA PRESENÇA?": UMA ANÁLISE DE GN 47,13-26

"Why should we die in thy presence?": An analysis of the Gen 47,13-26

Leonardo Agostini Fernandes *

RESUMO: O presente artigo analisa um episódio particular, mas não isolado, da "história de José" (Gn 37–50), filho do patriarca Jacó, com o objetivo de perceber e compreender a sua ligação com a dinâmica e com certos particulares do êxodo dos filhos de Israel do Egito. Para alcançar essa finalidade, a presente análise estrutura-se em sete partes, utilizando tanto elementos da abordagem diacrônica como da abordagem sincrônica. Nesta última, são seguidos os passos da análise narrativa. Enfim, apresenta-se um breve comentário ao texto, pelo qual são evidenciados os pontos de contato com a dinâmica do êxodo do Egito.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Diacrônica, Abordagem Sincrônica, Análise Narrativa.

ABSTRACT: This article analyzes a particular episode, though not isolated, of the "Joseph's story" (Gn 37–50), son of the patriarch Jacob, to understand its connection with the dynamics and some individuals of exodus of Israelites from Egypt. To achieve this purpose, the presented analysis is structured into seven parts, using elements of both diachronic and synchronic approaches. In the latter part, the ideas of narrative analysis are followed. Finally, we present a reflection that highlights the points of contact with the dynamics of the exodus from Egypt.

KEYWORDS: Diachronic Approach, Synchronic approach, Narrative Analysis.

* Diretor e Professor de Sagradas Escrituras do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Artigo submetido a avaliação em 14.02.2014 e aprovado para publicação em 13.04.2014.

Introdução

Os estudos bíblicos, auxiliados pelos avanços e bons resultados históricos, geográficos e arqueológicos dos últimos duzentos anos, deram passos notáveis nos diversos seguimentos religiosos que consideram a Bíblia um livro sagrado. Se, na primeira metade do século passado, predominou a abordagem diacrônica, pela aplicação dos passos do Método Histórico-Crítico aos textos bíblicos, nos últimos cinquenta anos, novas metodologias foram desenvolvidas e a abordagem sincrônica encontrou fortemente o seu espaço nos artigos, monografias, dissertações e teses. Grande destaque vem obtendo a análise narrativa, pois é uma abordagem que corresponde à forma da narração e do testemunho, elementos típicos da comunicação humana e que estão presentes em quase toda a Bíblia.

"Para a exegese da Bíblia, a análise narrativa representa uma utilidade evidente, porque corresponde à natureza narrativa de um grande número de textos bíblicos. Pode contribuir para facilitar a passagem, por vezes difícil, do sentido do texto no seu contexto histórico – como o método histórico-crítico busca defini-lo – ao sentido que possui para o leitor hodierno" (PCB, 1993, I. B.2).

Contudo, quando se absolutiza um método em detrimento do outro, ou uma abordagem em relação à outra, as perdas serão bem maiores do que os ganhos no momento da análise e da hermenêutica proposta.

Os textos bíblicos, por serem antigos e pertencerem a um ambiente histórico-geográfico culturalmente importante e relevante (Antigo Oriente Próximo – AOP), mas distante da maioria dos que, hoje, deles se aproximam, necessitam ser tratados como tais, a fim de que se busque, em primeiro lugar e o mais possível, o sentido que o autor pretendeu dar aos textos, denominado *sentido literal*. Em contrapartida, como esses textos se formaram, sobreviveram aos séculos, influenciaram e continuam influenciando a vida pessoal e comunitária de todo o ocidente, é lícito que se aceite e se procure pelo *sentido espiritual* e *moral* dos textos. Para os cristãos, porém, estes três sentidos servem para se alcançar o *sentido pleno* que Deus quis comunicar, imprimir nos textos bíblicos, a fim de que o ser humano histórico, de cada época e lugar, pudesse obtê-lo através da mediação do Verbo Encarnado (PCB, 1993, I. F e conclusão).

A pesquisa atual sobre a formação da Torá admite que, na gênese dos textos, estão várias etapas, situações e circunstâncias. Isto evidencia um verdadeiro processo vivo de crescimento pelo qual os livros passaram, ao longo de quatro ou cinco séculos, até chegar à sua forma final e canônica, durante a dominação persa (séculos VI-IV a.C.). Há um contexto vital apresentado na trama narrativa que, por sua vez, não pode ser identificado, imediatamente, com o com contexto vital do autor real e dos destinatários reais do texto.

naocomerciais.0CreativeCommons

Uma aproximação atenta permite perceber que em Gn–Ex e no 2 Rs estão em evidência os dois grandes pólos geográfico-culturais com os quais o antigo Israel se relacionou de forma dialética, ora pela identidade, ora pela diversidade: Egito e Mesopotâmia. Os demais livros (Lv–1Rs) retratam o ambiente que está entre estes dois pólos: o período do deserto e a conquista-perda de Canaã. Neste contexto, a "história de José do Egito" (Gn 37–50) representa um marco importante na dinâmica cultural do antigo Israel com a cultura do Egito.

O presente estudo busca equilibrar, de certo modo, a "frieza" dos resultados obtidos pela aplicação dos passos do método histórico-crítico com o "calor" da arte e da análise narrativa que, sem dúvida, produz um verdadeiro fascínio no ouvinte-leitor. Este equilíbrio, assumido como síntese, permite que o texto seja respeitado e interpretado tanto na sua possível gênese histórica como na sua imensa capacidade de continuar comunicando uma mensagem ao ser humano de cada época e lugar.

1 Contextualização de Gn 47,13-26

A "história de José" encontra-se devidamente desenvolvida a partir de um prólogo, pelo qual os personagens são introduzidos e a trama toma corpo através dos sonhos de José, que termina vendido pelos irmãos e vai parar no Egito (cf. Gn 37,2-36). Depois disso, três atos continuam a "história de José" no Egito: no primeiro, o miserável José se torna o grão-vizir do Egito, através da decifração de sonhos (cf. Gn 39,1–41,57); no segundo, o reencontro de José com seus irmãos acontece devido à carestia (cf. Gn 42,1–46,27); no terceiro, José consegue rever e introduzir o seu pai Jacó no Egito para lhes garantir a vida (cf. Gn 46,28–49,28); e, por fim, um epílogo pelo qual se narra a morte de Jacó e de José no Egito (cf. Gn 49,29–50,26). Percebe-se que a "história de José" é parte importante e integrante do ciclo de Jacó que, antes de morrer, abençoa os filhos de José de maneira inusitada (cf. Gn 48,13-20).

Uma fome assoladora na terra resultava, na antiguidade, de duas causas em particular: a) por efeito climático: um grande período de estiagem ou uma invasão de gafanhotos, por exemplo[1]; b) por efeito bélico: um longo período de assédio militar[2]. No contexto do livro do Gênesis, a fome, narrada no ciclo de Abraão (cf. Gn 12,10), no ciclo de Isaac (cf. Gn 26,1) e no ciclo de José (cf. Gn 41,30.54), deveu-se a causas climáticas e não militares[3].

[1] Ambos os temas, da seca e da invasão de gafanhotos, aparecem como realidades climáticas que estariam na base das interpretações sobre o yôm YHWH no livro de Joel (FERNANDES, 2014, 29-40).

[2] 1Rs 17,1 narra o feito de Elias que "fecha os céus" por três anos e meio. Por um lado, pode-se considerar que a seca é efeito climático. Por outro lado, a motivação é do tipo bélico, pois Elias estava em litígio com Acab.

[3] Cf. 2Rs 25,3; Is 29,8; Jr 14,16; 21,7; 24,10; 29,17; 34,17; 52,6; Ez 5,12.16.

José fora elevado pelo Faraó ao cargo de administrador do Egito quando tinha trinta anos (cf. Gn 41,46). Somados aos sete anos de abundancia, chega-se a trinta e sete, que somados aos dois primeiros anos de carestia totalizam trinta e nove. Esta seria a idade de José, quando se deu a conhecer aos seus irmãos (cf. Gn 45,6.11). Com isso, percebe-se a intenção do narrador: mostrar a nova vida de Jacó, no Egito, já com centro e trinta anos (cf. Gn 47,28). Graças a José, o Egito não foi desfavorável a Jacó como o fora para Abraão (cf. Gn 12,10–13,1a), nem tampouco foi motivo de proibição divina, como o fora para Isaac (cf. Gn 26,1-6). A entrada de Jacó no Egito adveio, provavelmente, no quadragésimo ano da vida de José. Jacó ainda viveu dezessete anos no Egito e morreu com cento e quarenta e sete anos (cf. Gn 47,28). José, em contrapartida, viveu cento e dez anos (cf. Gn 50,22.26). Da entrada de Jacó no Egito ao êxodo transcorreram, segundo a narrativa bíblica, quatrocentos e trinta anos (cf. Ex 12,40 e Gl 3,17; Gn 15,13 e At 7,6 falam de quatrocentos anos. Esta diferença indica que existiam duas tradições sobre o fato).

O sonho do Faraó (cf. Gn 41,1-7), a exemplo dos sonhos do copeiro-mor e do padeiro-mor (cf. Gn 40,1-23; 41,8-13), também narrados e decifrados por José (cf. Gn 41,14-36), começaram a se realizar, na segunda parte, em Gn 41,53-57. Este texto, de forma geral, retoma os sete anos de carestia (cf. Gn 45,6), que se seguiram aos sete anos de fartura (cf. Gn 41,7-49). Há uma interrupção no que vinha sendo narrado em Gn 42,1–47,12 que se ocupou, largamente, da família de José, que foi ao Egito em busca de mantimentos, até se dar a sua entrada para habitar no Egito, segundo a tradição bíblica, por mais de quatrocentos anos.

O foco, no texto em estudo, aponta para as habilidades sócio-políticas de José que, em pouco tempo e graças à carestia, submeteu o povo ao nível de escravidão, aumentou os bens e enriqueceu a casa do Faraó. Transparece, porém, um modo de se apresentar um modelo econômico a ser copiado ou a ser rejeitado pelo antigo Israel: o que fazer com a posse da terra[4]. Gn 47,22.26b, por sua vez, aponta para uma classe de povo e uma terra que não podem ser alienados (cf. Nm 18,20-24; Dt 10,9; 12,22).

[4] O verbo "herdar" ou "possuir" (*nāḥal*) ocorre pela primeira vez em Ex 23,30. Já o substantivo "herança", "posse" ou "propriedade" (*năḥālâ*) ocorre, pela primeira vez, em Gn 31,14 e, neste livro, só reaparecerá em Gn 48,6. Os dois textos evocam uma situação em que não se deveria ter direito legal à herança. No primeiro caso, Raquel e Lia se lamentam por não terem sido tratadas com dignidade pelo pai. No segundo caso, Jacó faz de Manassés e Efraim seus filhos e, portanto, herdeiros da terra. O termo reaparece, somente, no cântico de Moisés (Ex 15,17), falando do estágio final do povo que marcha pelo deserto: ser plantado no monte de Deus. Pela narrativa, evoca-se o Sinai, mas na dinâmica da história, é uma alusão antecipada do monte Sião, Jerusalém, epônimo do Sinai. Em contrapartida, o termo é dominante no livro dos Números, no Deuteronômio e Josué. O que se herda em família deve ficar em família e não ser alienado, perdido ou vendido (cf. 1Rs 21,2-3; Rt 4,3-10). Moisés pediu que YHWH tomasse posse de Israel (cf. Ex 34,9) e declarou que se tornou herdeiro da terra prometida aos patriarcas (cf. Ex 32,13; Dt 4,20).

naocomercial.0CreativeCommons

Percebe-se, claramente, que Gn 47,13-26 continua a trama narrativa iniciada em Gn 41,53-57. O deslocamento, porém, serve para mostrar o grande contraste entre o modo como José tratou seus familiares e como tratou os demais egípcios. Enquanto Jacó e seus filhos receberam bens e favores no Egito, os egípcios foram espoliados de seus bens e se tornaram escravos do Faraó para não morrerem de fome (SIGMON, 2011, 454-456).

1.1 Tradução e crítica textual

(paralelos: Gn 12,10-20; 20; 26,1-11)

E pão não havia em toda a terra,	13a	וְלֶחֶם אֵין בְּכָל־הָאָרֶץ
porque a fome era muito pesada;	13b	כִּי־כָבֵד הָרָעָב מְאֹד
e exauriu-se a terra do Egito	13c	וַתֵּלַהּ אֶרֶץ מִצְרַיִם
e a terra de Canaã por causa da fome.	13d	וְאֶרֶץ כְּנַעַן מִפְּנֵי הָרָעָב:
Então, José fez recolher toda a prata,	14a	וַיְלַקֵּט יוֹסֵף אֶת־כָּל־הַכֶּסֶף
que se encontrava na terra do Egito e na terra de Canaã,	14b	הַנִּמְצָא בְּאֶרֶץ־מִצְרַיִם וּבְאֶרֶץ כְּנָעַן
por grão, que eles compravam;	14b	בַּשֶּׁבֶר אֲשֶׁר־הֵם שֹׁבְרִים
e José fez entrar a prata na casa do Faraó.	14c	וֹסֵף אֶת־הַכֶּסֶף בֵּיתָה פַּרְעֹה: וַיָּבֵא י
Terminou, porém, a prata da terra do Egito e da terra de Canaã!	15a	וַיִּתֹּם הַכֶּסֶף מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם וּמֵאֶרֶץ כְּנָעַן
Então vieram todos os egípcios a José	15b	וַיָּבֹאוּ כָל־מִצְרַיִם אֶל־יוֹסֵף
para dizer:	15c	לֵאמֹר
"Dá, para nós, pão!	15d	הָבָה־לָנוּ לֶחֶם
Por que morreremos na tua presença?	15e	וְלָמָּה נָמוּת נֶגְדֶּךָ
pois se esgotou a prata!"	15f	כִּי אָפֵס כָּסֶף:
Então disse José:	16a	וַיֹּאמֶר יוֹסֵף
"Dai vossos gados,	16b	הָבוּ מִקְנֵיכֶם
e aceitarei dar [pão] por vossos gados,	16c	וְאֶתְּנָה לָכֶם בְּמִקְנֵיכֶם
se a prata se esgotou!"	16d	אִם־אָפֵס כָּסֶף:
E fizeram vir seus gados até José;	17a	וַיָּבִיאוּ אֶת־מִקְנֵיהֶם אֶל־יוֹסֵף
e José deu-lhes pão, por cavalos e por gado miúdo e por gado graúdo e por jumentos.	17b	וַיִּתֵּן לָהֶם יוֹסֵף לֶחֶם בַּסּוּסִים וּבְמִקְנֵה הַצֹּאן וּבְמִקְנֵה הַבָּקָר וּבַחֲמֹרִים
E os sustentou de pão, por todo o seu gado naquele ano.	17c	וַיְנַהֲלֵם בַּלֶּחֶם בְּכָל־מִקְנֵהֶם בַּשָּׁנָה הַהִוא:
E terminou aquele ano!	18a	וַתִּתֹּם הַשָּׁנָה הַהִוא

e vieram a ele no ano seguinte.	18b	וַיָּבֹאוּ אֵלָיו בַּשָּׁנָה הַשֵּׁנִית
E disseram-lhe:	18c	וַיֹּאמְרוּ לוֹ
"Não esconderemos diante de meu senhor,	18d	לֹא־נְכַחֵד מֵאֲדֹנִי
pois terminou a prata e a posse do animal miúdo é do meu senhor;	18e	כִּי אִם־תַּם הַכָּסֶף וּמִקְנֵה הַבְּהֵמָה אֶל־אֲדֹנִי
não permanece diante de meu senhor nada, além de nosso corpo depauperado e nosso solo!	18f	לֹא נִשְׁאַר לִפְנֵי אֲדֹנִי בִּלְתִּי אִם־גְּוִיָּתֵנוּ וְאַדְמָתֵנוּ:
Por que morreremos ante teus olhos, seja nós, seja nosso solo?	19a	לָמָּה נָמוּת לְעֵינֶיךָ גַּם־אֲנַחְנוּ גַּם אַדְמָתֵנוּ
Compra-nos e nosso solo, por pão,	19b	קְנֵה־אֹתָנוּ וְאֶת־אַדְמָתֵנוּ בַּלָּחֶם
e seremos nós e nosso solo escravos do Faraó;	19c	וְנִהְיֶה אֲנַחְנוּ וְאַדְמָתֵנוּ עֲבָדִים לְפַרְעֹה
mas daí semente,	19d	וְתֶן־זֶרַע
pois queremos viver,	19e	וְנִחְיֶה
e não morreremos	19f	וְלֹא נָמוּת
e o solo não fique desolado!"	19g	וְהָאֲדָמָה לֹא תֵשָׁם:
Então, comprou José todo o solo do Egito para o Faraó,	20a	וַיִּקֶן יוֹסֵף אֶת־כָּל־אַדְמַת מִצְרַיִם לְפַרְעֹה
porque os egípcios venderam, cada um, seu campo,	20b	כִּי־מָכְרוּ מִצְרַיִם אִישׁ שָׂדֵהוּ
porque apertou contra eles a fome.	20c	כִּי־חָזַק עֲלֵהֶם הָרָעָב
E foi a terra para o Faraó!	20d	וַתְּהִי הָאָרֶץ לְפַרְעֹה:
E o povo, [a]o fez passar pelas cidades[a],	21a	וְאֶת־הָעָם הֶעֱבִיר אֹתוֹ לֶעָרִים
de uma fronteira a outra fronteira do Egito.	21b	מִקְצֵה גְּבוּל־מִצְרַיִם וְעַד־קָצֵהוּ:
Somente o solo dos sacerdotes não comprou,	22a	רַק אַדְמַת הַכֹּהֲנִים לֹא קָנָה
porque uma porção para os sacerdotes	22b	כִּי חֹק לַכֹּהֲנִים מֵאֵת פַּרְעֹה
e comiam a porção deles	22c	וְאָכְלוּ אֶת־חֻקָּם
que o Faraó dava para eles.	22e	אֲשֶׁר נָתַן לָהֶם פַּרְעֹה
Por isso, não venderam o seu solo.	22f	עַל־כֵּן לֹא מָכְרוּ אֶת־אַדְמָתָם:
Então, José disse ao povo:	23a	וַיֹּאמֶר יוֹסֵף אֶל־הָעָם
"Eis que, comprei-vos, hoje, e vosso solo para o Faraó!	23b	הֵן קָנִיתִי אֶתְכֶם הַיּוֹם וְאֶת־אַדְמַתְכֶם לְפַרְעֹה
Eis para vós semente	23c	הֵא־לָכֶם זֶרַע
e semeareis o solo.	23d	וּזְרַעְתֶּם אֶת־הָאֲדָמָה:
E acontecerá com os produtos	24a	וְהָיָה בַּתְּבוּאֹת

não comercial. Creative Commons

e dareis o quinto para o Faraó,	24b	וּנְתַתֶּם חֲמִישִׁית לְפַרְעֹה
e quarta parte será para vós,	24c	וְאַרְבַּע הַיָּדֹת יִהְיֶה לָכֶם
para semear o campo	24d	לְזֶרַע הַשָּׂדֶה
e para alimentar-vos e para o que está nas vossas casas	24e	וּלְאָכְלְכֶם וְלַאֲשֶׁר בְּבָתֵּיכֶם
e para alimentar ao vosso filho pequeno.	24f	וְלֶאֱכֹל לְטַפְּכֶם:
Então, disseram:	25a	וַיֹּאמְרוּ
"Deste-nos vida!	25b	הֶחֱיִתָנוּ
Encontramos graça aos olhos do meu senhor!	25c	נִמְצָא־חֵן בְּעֵינֵי אֲדֹנִי
E somos escravos do Faraó!"	25d	וְהָיינוּ עֲבָדִים לְפַרְעֹה:
E José colocou-a por norma, até este dia, sobre o solo do Egito, para o Faraó: um quinto.	26a	וַיָּשֶׂם אֹתָהּ יוֹסֵף לְחֹק עַד־הַיּוֹם הַזֶּה עַל־אַדְמַת מִצְרַיִם לְפַרְעֹה לַחֹמֶשׁ
Somente o solo dos sacerdotes, por sua parte, não foi do Faraó.	26b	רַק אַדְמַת הַכֹּהֲנִים לְבַדָּם לֹא הָיְתָה לְפַרְעֹה:

[v. 21a]: O Pentateuco Samaritano e a LXX possuem uma leitura diferente do TM e trazem: "o fez servir por escravos" (הֶעֱבִיד אֹתוֹ לַעֲבָדִים). Esta leitura não parece ser confirmada pela Vulgata, pois se traduz sem verbo: "e todo o seu povo de uma extremidade da terra do Egito até a outra extremidade" (*et cunctos populos eius a novissimis terminis Aegypti usque ad extremos fines eius*). "Pelas cidades" (לֶעָרִים) não ocorre uma segunda vez no livro de Gênesis. Por isso, ler "por escravos" (לַעֲבָדִים) seria até mais coerente, pois Gn 43,18, 44,9 e 50,18 traduzem bem a ideia de que todos, por causa da situação e da estratégia adotada, ficaram submissos a José. Algo semelhante ocorre no diálogo de Isaac com Esaú, após este ter perdido o direito da primogenitude e a bênção (cf. Gn 27,37). Dt 28,68 lembra que Israel, por causa da desobediência, se venderia ao Egito como escravo. A lição do TM por ser a mais difícil, não permite que o texto flua, mas permite mais de uma tradução ("o deportou das cidades"), visto que a sequência da narrativa é, igualmente, difícil pela referência ao privilégio dos sacerdotes.

1.2 Delimitação de Gn 47,13-26

A fome continua sendo o tema chave da narrativa. Gn 47,13-26 destaca-se do texto precedente (Gn 47,1-12) pelo contraste entre o modo como José providenciou pão para o seu pai, seus irmãos e seus familiares (v. 12), e o modo como os egípcios e os cananeus tiveram que conseguir pão de José (vv. 13.15.16.17.18). O forte contraste está marcado por uma mudança

de personagens: saem de cena os familiares de José e entram os egípcios e cananeus. A forma de tratamento de José com os seus interlocutores é, certamente, uma forte característica dessa mudança.

Gn 47,13-26 evolui em três momentos e etapas que marcam o progresso da luta pela sobrevivência: por primeiro, o pão é comprado por prata até esta se esgotar na "terra do Egito" e na "terra de Canaã" (v. 14-15); depois, o pão é permutado pelos animais (vv. 16-17); enfim, o pão e sementes são adquiridos pela auto-escravidão e pelo penhor do solo agrícola (vv. 18-26). Tudo isso comporta um agravante: os necessitados, além de perder todos os bens de que dispunham, foram reduzidos à escravidão somado a uma dívida de 1/5 de tudo o que for colhido; e comporta uma notícia interessante: os sacerdotes não foram tratados com o mesmo rigor, mas continuaram gozando de um privilégio particular (vv. 22.26b).

A referência aos cananeus ocorre no primeiro momento e no início do segundo, mas o que permite referir-se a eles vem do enfoque dado à "terra de Canaã" (vv. 13.14.15). Assim, três territórios ficam em evidência: Canaã – Goshen – Egito. Enquanto Egito e Canaã carecem, Goshen prospera com Jacó e sua família.

As referências a José, citado nove vezes (vv. 14^{2x}.15.16.17^{2x}.20.23.26), o Faraó, citado dez vezes (vv. 14.19.20^{2x}.22.23.24.25.26^{2x})[5], e o termo Egito que abre (v. 13) e fecha (v. 26) a perícope, bem como a situação inicial sobre a fome também contrastada com a notícia de que os sacerdotes não passam fome, são elementos que conferem unidade do texto. Embora José seja citado menos vezes que o Faraó, as quatro referências, "meu senhor" (v. 18^{3x}.25), podem ser acrescentadas como referências a José.

Quanto ao texto subsequente (Gn 47,27-31), o contraste não somente continua em foco, mas fica ainda em maior evidencia, pois enquanto os familiares de José recebem terras do Faraó e podem adquirir propriedades e se multiplicarem, os egípcios perdem suas terras para o Faraó graças as habilidades administrativas de José. Ao lado disso, evidencia-se o contraste entre o medo da morte dos egípcios por falta de pão e o desejo de Jacó, ao morrer, de não ser enterrado no Egito, mas no túmulo de seus pais, isto é, na terra de Canaã.

[5] Se o Faraó da "história de José" pertence aos *hicsos*, então são semitas e, logo, parentes distantes de José e de sua família. Por detrás dos egípcios estariam os descendentes de Cam e a ação de José confirmaria a razão pela qual não hesitou em aceitar a proposta de servidão ao Faraó. A origem e a dominação dos *hicsos* sobre o Egito, ligadas à "história de José", permanecem obscuras (SOGGIN, 2002, pp. 103-106). O egípcio Mâneton (III século a.C.), ao falar do êxodo do antigo Israel, identificou este fato com a expulsão dos *hicsos*, "reis pastores" que dominaram o Egito no século XVII a.C., fase que corresponderia ao "segundo período intermediário" (DONNER, 2000, p. 34), e teriam favorecido o ingresso de outros grupos de estrangeiros no território (CAZELLES, 1986, pp. 18.34.77.85.91). A arqueologia moderna não descarta a possibilidade dos *hicsos* terem sido expulsos do Egito no final do século XVI a.C. (FINKELSTEIN – SILBERMAN, 2002, pp. 70-71.81).

naocomercial.0Creative Commons

2 Aspectos formais

Além da repetição frequente dos nomes "José" e "Faraó", como aludido acima, nota-se que o texto está construído, claramente, pela repetição e pelo uso de termos afins ou que se correlacionam com a vida e com a atividade humana: "terra", "terra do Egito" ou "terra de Canaã" (vv. $13^{3x}.14^{2x}.15^{2x}.20$); "nosso solo" e "solo" (vv. $18.19^{4x}.20.22^{2x}.23^{2x}.26^{2x}$); "campo" (vv. 19.24); "prata" (vv. $14^{2x}.15^{2x}.16.18$); "gado" (vv. $16^{2x}.17^{4x}$); "jumentos" (v. 17); "gado miúdo" e "gado graúdo" (v. 17); "pequeno animal" (v. 18). Ao lado desses, encontra-se o paralelo entre a redução física: "corpo depauperado" (v. 18) e a redução servil: "escravos do Faraó" (v. 19). Esta última deu-se, de forma constrangedora, pela iniciativa dos necessitados, para não morrerem de fome: "compra-nos e nosso solo por pão" (v. 19). José aceitou: "comprei-vos, hoje, e vosso solo para o Faraó" (v. 23).

O movimento da fala se alterna entre a voz do narrador e a voz que ele cede aos egípcios e a José, que interagem dialogando. Na fala dos egípcios, não há uma uniformidade no tratamento: "tu", quando se teme a morte (v. 15.19.25), ou "meu senhor" (v. $18^{3x}.25$), como deferência e submissão para alcançar o favor desejado. A diferença na forma do tratamento serve para indicar a mudança de condição dos egípcios. A antítese é marcada pelo desejo de vida, pois não se quer morrer de fome, mas de viver, mesmo como escravos (vv. 15.19.25). Na fala de José, porém, os seus interlocutores são sempre tratados por "vós" (vv. 16.23.24), que, diante dele, se mencionam em "nós" (vv. 15.18.19.25).

A notícia, "por causa da fome" (v. 13), determina as ações e reações das partes em diálogo, que são justificadas, pelo uso da conjunção *kî* (vv. $13.15.18.20^{2x}.22$) e pelo uso da locução *'al-kēn* (v. 22). Esta última, para o ouvinte-leitor, explica porque os sacerdotes não tiveram que vender seu solo e porque não passaram fome.

Há uma insistência em dizer que nada acontece às ocultas: "na tua frente" (v. 15), "diante de meu senhor" (v. 18^{2x}), "ante teus olhos" (v. 19), "aos olhos de meu senhor" (v. 25). Pode-se considerar, ainda, uma ação pública: "E o povo, o fez passar pelas cidades" (v. 21).

3 Estrutura do texto

Do ponto de vista da narrativa, a evolução textual é marcada, a partir do elemento perturbador: "a pesada fome na terra", descrita em três momentos, visando uma solução. No primeiro, o pão é comprado pela prata (vv. 13-14). No segundo, pão é permutado pelos animais (vv. 15-17). No terceiro, pratica-se auto-escravidão (hipoteca pessoal) e do solo pelo pão e pelas sementes (vv. 18-26).

A evolução textual da narrativa é marcada, também, pela fala do narrador e pelo ritmo dialógico estabelecido nos encontros entre os necessitados e José, que se alternam: crise desencadeadora (v. 13) > proposta de solução (v. 14) > súplica diante de novas crises (v. 15.18-19a) > proposta de solução (v. 16.19b-g) > resultados obtidos (v. 14c.17.19-21) > exceção (v. 22) > recapitulação do último ato (vv. 23-24) > reconhecimento favorável do ato (v. 25) > recapitulação da exceção (v. 22).

v. 13:	crise
v. 14:	1ª proposta de solução + resultados a favor do Faraó
v. 15:	elemento complicador + nova crise
v. 16-17:	2ª proposta de solução
v. 18-19a:	elemento complicador + nova crise
v. 19b-20:	3ª proposta de solução
v. 21-22:	resultados a favor do Faraó + exceção
vv. 23-24:	recapitulação em forma de ratificação do ato
vv. 25:	reconhecimento do ato
v. 26:	exceção

A primeira crise é enfrentada de forma "normal": há falta de víveres, mas há solução, pois o pão pode ser comprado por prata, até esta acabar. A segunda crise aparece associada à morte em tom de súplica, porque a primeira solução possui um agravante: "acabou a prata"; a nova solução chega como uma proposta feita por José: o sustento de pão permutado por vários tipos de animais. A terceira crise atinge um ápice, pois a fome continua e não há mais bens a serem permutados; a proposta de solução somente podia partir dos egípcios, isto é, só os próprios podiam se alienar e alienar as suas terras, reduzindo-se ao nível de uma escravidão moratória (v. 19).

A repetição da última solução não serve somente para não comprometer José com a redução à escravidão dos egípcios, mas para que a atitude de aceitação dessa escravidão seja vista como um ato salvífico: "Deste-nos vida! Encontramos graça aos teus olhos, meu senhor! E somos servos do Faraó!" (v. 25). Pelo percentual estabelecido, "um quinto para o Faraó" (v. 24.26), José estabelece o preço do arrendamento do solo, isto é, estabelece um tributo sobre o uso do solo.

Nesta estrutura, a exceção recai sobre os sacerdotes e sobre as suas terras. Eles não necessitam comprar, permutar, alienar-se ou alienar suas terras para terem pão. O próprio Faraó garante a sua subsistência e tudo é adquirido para o Faraó, como se fosse para o templo.

naocomerciais.0CreativeCommons

4 Aspectos da narrativa

Gn 47,13-26 apresenta uma ordem crescente nos fatos narrados e que se subordinam ao problema fundamental: a morte pela escassez de alimentos. O episódio possui três momentos, articulados de forma progressiva e marcados por repetição terminológica que permite a estreita comunicação entre eles. A fome é o fio condutor que, ao lado das vindas e dos diálogos dos egípcios com José, assegura uma sequência quase linear e crescente da narrativa. Essa coerência interna, porém, não engessa, mas permite que o narrador possa fornecer mais informações, como é o caso da exceção dos sacerdotes.

O episódio narrado situa-se, *quanto ao tempo*, no início dos sete anos da carestia, previstos por José a partir dos sonhos do Faraó, e ocorrem durante os dois primeiros anos. Os três momentos acontecem segundo um ritmo disposto pela fala do narrador e estão devidamente marcados pelas informações temporais (v. 18a: "E terminou aquele ano!"; v. 18b: "e vieram a ele no ano seguinte"), ultrapassando o próprio tempo da narração (v. 26a: "até este dia").

Todo o episódio se passa, *quanto ao lugar*, na "terra do Egito", plano dominante, mas envolve também a "terra de Canaã", o que evidencia um esquema sócio-político de dominação. Ao lado do local dominante, se detalha um indeterminado pelo qual o narrador permite que José possa ser encontrado e abordado pelos egípcios, que o procuram por três vezes, a fim de conseguir uma solução para a fome que assola a região e os ameaça de morte.

Quanto às personagens, que atuam neste episódio, podem ser classificadas de diretas, porque dialogam, e indiretas, porque são somente citadas, não possuem fala. No primeiro grupo, encontram-se os egípcios, que são personagens coletivos, e José, a quem cabe o protagonismo no episódio. O movimento acontece dos egípcios a José, pois são eles que o buscam. No segundo grupo, encontram-se o Faraó, os sacerdotes e os membros internos e externos da família dos egípcios. José não figura como um oponente, mas é apresentado como a solução para as crises. A posição social de José não fica clara no início, mas, após o agravamento da situação, os egípcios o definem: "meu senhor". Já a posição social dos egípcios é paulatina e transparece pela perda dos bens até chegar à perda da própria liberdade, ao ficarem reduzidos à condição de escravos.

Enfim, *quanto ao tema*, a carestia pode ser admitida como tema central, mas concomitantemente despontam a política agrária e o perfil da liderança do povo. Enquanto José recebe e atende os egípcios, o Faraó demonstra indiferença. A relação entre líder e súditos figura em primeiro foco. Um líder deve, antes de tudo, ser capaz de manter com vida os seus súditos.

A arte de governar exige a devida atenção não somente para com as necessidades de quem lidera, mas principalmente com as necessidades dos liderados. A pessoa do Faraó não ocupa o papel central, mas José, pois é sobre ele que recaem as obrigações administrativas do Egito. A liderança de José é, por um lado, louvável e, por outro lado, execrável. Isto permite que o ouvinte-leitor teste seus sentimentos diante do episódio que reduz os egípcios à servidão para não morrerem de fome.

Os estágios que articulam a narrativa: introdução, ação, complicação, clímax e desfecho, são percebidos nos três momentos de Gn 47,13-26. O v. 13 é a introdução geral, pois apresenta a questão que desencadeia os demais momentos: "a fome era muito pesada". A ação acontece em relação à fome e não à sua causa, que é desconhecida. Assim, não há o que fazer com a causa, mas os envolvidos devem enfrentar os seus efeitos durante os sete anos de carestia. A cada ação dos egípcios corresponde uma ação de José. A complicação surge com o fim dos recursos para a obtenção do pão. Com isso, o clímax vai sendo construído de forma ascendente até chegar ao ponto em que os egípcios se hipotecam, juntamente com as suas terras, e se tornam escravos do Faraó. Para cada momento, um desfecho acontece. No primeiro, o pão é adquirido pela prata que entra na casa do Faraó. No segundo, os animais são permutados por pão e se encontram na posse de José. No terceiro, os egípcios e o seu solo são comprados por José e tudo passa para o domínio do Faraó.

Gn 47,13-26 parece estar deslocado da sua lógica posição, pois se enquadraria melhor logo após a notícia da chegada dos sete anos de carestia em Gn 41,53-57 (prolepse). Pelos familiares de José, que foram ao Egito buscar víveres, representa-se a "terra de Canaã" que vai à "terra do Egito". No episódio em questão, pelos egípcios que vão a José, representa-se a "terra do Egito" que vai à "terra de Canaã". De forma genérica, já havia sido narrado que "José abriu todos os depósitos e vendeu aos egípcios". Ao lado dos egípcios, de toda a terra veio gente ao Egito para comprar víveres com José (cf. Gn 41,53-57).

Sem este deslocamento, não se teria criado o forte contraste entre o modo como José tratou os seus familiares e como tratou os egípcios necessitados. Não se compreenderia, igualmente, como os favores do Faraó, após as notícias terem chegado aos seus ouvidos, se estenderiam tão amigavelmente para os familiares de José. Além disso, afirma-se que foi o próprio Faraó quem determinou o que José deveria dizer ao seu pai, dando-lhe as melhores garantias do que encontraria ao se transferir com o seu clã para o Egito (cf. Gn 45,16-20).

Tem-se, aqui, uma das estratégias do narrador, orientando o ritmo vibrante da sua narração, provocando no ouvinte-leitor uma adesão às ações de José ou, por elas, uma total repulsa. A cada momento é como se surgisse um "e agora?". Elogia-se José ou se sente compaixão dos que sofrem graças à

naocomercial.0CreativeCommons

política que implantou com as graças do Faraó? O ouvinte-leitor começa a se interrogar sobre vários pontos. Um destes, deriva da percepção de que a ordem cronológica usada não foi a mais decisiva, mas a ordem estabelecida entre causa e efeito nas mãos de José: sete anos de bom tempo resultam em sete anos de abundância e armazenamento dos grãos; sete anos de mal tempo, resultam em sete anos de penúria, trazendo, por um lado, a fome sobre toda a "terra do Egito", mas, por outro lado, trouxe a ocasião de grandes riquezas para o Faraó. Não há como fazer uma simples escolha entre a ordem cronológica e a ordem entre causa e efeito. É mais produtivo seguir a trama narrativa e perceber as reações que ela suscita, pois, por certo, o narrador quer gerar uma identidade no ouvinte-leitor, que não fica passível diante dos fatos narrados.

Todavia, o vai e vem da narrativa é um recurso que permite ao narrador não deixar o ouvinte-leitor sem respostas para as dúvidas e as questões que surgem pela falta de dados ou pelos vazios propositais a serem preenchidos. Por exemplo: Quais as razões para a chegada da carestia? Por que sete anos de fartura seguidos de sete anos de penúria? Será que tudo isso aconteceu somente para que os sonhos de José se realizassem? Que desígnios divinos estão interagindo junto ao curso da história? O ouvinte-leitor é chamado a se recordar dos fatos já narrados e a se lembrar do tempo que está em andamento e se preparam os fatos futuros.

5 Breve comentário e pontos de conexão com o êxodo

Os sonhos do Faraó diziam respeito a sete vacas gordas e a sete vacas magras, a sete espigas cheias e belas e a sete espigas secas e minguadas. O primeiro bloco de cada sonho representou o tempo da abundância e o segundo bloco representou o tempo da carestia. Na dinâmica da narrativa, houve uma inversão na sequência, pois por primeiro os celeiros tiveram que estar cheios de grãos, para depois serem abertos a fim de saciar a fome. Após, fala-se que o gado bovino, para não morrer de fome, foi mencionado junto a outros animais; enfim, seguiu-se a alienação total dos egípcios e do seu solo, pois tudo passou para o domínio do Faraó.

O texto não faz distinção entre Faraó e egípcios, entre o soberano e os súditos, mas entre o Faraó e José, com seus familiares. Para José e seus familiares, o Faraó se pronunciou benevolente (cf. Gn 45,17-18; 47,3-6.8; 50,6), mas, para os egípcios, ele se limitou apenas a determinar que seguissem as ordens de José (cf. Gn 41,55). A partir desse momento, o Faraó não mais falou aos egípcios, no seu lugar falava José. Uma nova fala de um Faraó aos egípcios ocorre somente no início do livro do Êxodo. É impossível não se ver a clara ligação que se procura estabelecer entre esse Faraó, ao dizer: "tomemos sábias medidas para que não se multiplique" (Ex 1,9), e

José quando disse ao Faraó: "Agora, pois, proveja-se o Faraó de um varão inteligente e sábio, e o coloque à frente da terra do Egito" (Gn 41,33). O Faraó das relações com José quer se unir aos seus familiares, isto é, aos hebreus. Em contrapartida, o Faraó que não conhecia José, teme que os hebreus se unam aos seus inimigos em caso de guerra (cf. Ex 1,10).

Os favores que José recebeu do Faraó foram compensados pela sua astúcia administrativa. Com isso, José adquiriu ainda mais as graças do Faraó, a fim de que a sua família não encontrasse problemas para migrar para o Egito. Pode-se pensar da seguinte forma: se a presença de José se transformou em bem-estar para a "casa do Faraó", tanto mais se a sua inteira família passasse a habitar o Egito. Parafraseando, pode-se lembrar a decisão de Davi quanto à arca da aliança (cf. 2Sm 6,9-12).

A execução das ordens do Faraó a José, quanto aos seus familiares, foi acompanhada de riquezas dadas aos irmãos e enviadas a Jacó. Algo que já vinha sendo feito durante as duas vindas ao Egito para comprar os víveres. As provisões garantiriam, por um lado, a viagem dos irmãos da "terra do Egito" para a "terra de Canaã", e por outro lado, elas alimentariam em Jacó o desejo de se transferir da "terra de Canaã" para a "terra do Egito". Uma prova inegável de que José estava vivo (cf. Gn 45,21-28).

Assim, antes da narrativa sobre os dois primeiros anos de carestia recomeçar para os egípcios, o narrador ambientou a realização da vinda de Jacó com seu clã para o Egito (cf. Gn 46,1-27). Narrou a acolhida que receberam de José e como este pensou na estratégia de apresentação dos seus familiares ao Faraó, garantindo que os mesmos se tornassem os responsáveis pelos rebanhos do Faraó (cf. Gn 46,28-34; 47,1-6.7-12), pois estariam prestes a crescer pela troca que deles se faria pelo pão.

A situação inicial da narrativa, que se agrava a cada momento, não encontra, no final, uma solução satisfatória. Apesar disso, os egípcios reconhecem que José agira favorável em relação a eles. O episódio é concluído, simplesmente, com a repetição da notícia do privilégio dos sacerdotes, que passavam ilesos frente à fome que assola a "terra do Egito". Pode-se pensar, porém, que uma esperança fica suspensa na narrativa: que as sementes, germinando, se tornassem frutos e o ciclo agrícola, sendo retomado, permitisse que os egípcios pudessem sobreviver do que o solo produzisse, a fim de que o tributo ao Faraó fosse pago e o restante afastasse deles a morte. Essa esperança seria a ação transformadora, capaz de proporcionar a continuidade da vida no Egito.

A forma como narrador reapresenta a crise (cf. Gn 47,13), não deveria causar impacto no ouvinte-leitor, pois José, ao interpretar os sonhos do Faraó, já havia dito que uma pesada fome esgotaria a terra, fazendo cessar a lembrança da fartura que o Egito estava acostumado como dádiva do Nilo (cf. Gn 41,31). Um dado curioso nessa narrativa: só as sete vacas

nãocomercial.0CreativeCommons

gordas e as sete vacas magras sobem do Nilo (cf. Gn 41,1-4.17-21), pois as sete espigas cheias e belas sobem de uma mesma haste, sendo devoradas pelas sete espigas magras, que nasceram das gordas (cf. Gn 41,5-7.22-24). A dádiva do Nilo, porém, pode ser considerada implícita, pois, graças às suas cheias, o campo era cultivado e oferecia os seus frutos.

Na dinâmica do êxodo, a imagem das sete vacas gordas e das sete espigas cheias e belas representa o Faraó e a "terra do Egito". Em contrapartida, a imagem das sete vacas magras e das sete espigas magras, que engolem as vacas gordas e as espigas cheias, representa os filhos de Israel que espoliaram o Egito antes de deixá-lo (cf. Ex 3,21-22; 11,2-3; 12,35-36).

O narrador através do v. 13, trazendo o problema, confirma a previsão de José. A situação nefasta chegou e com ela o esgotamento para "a terra do Egito" e para "a terra de Canaã". O drama, porém, continuou: Como sobreviver e o que fazer diante da situação? Abre-se, diante do ouvinte-leitor, uma situação à qual ele é chamado a estar e a tomar parte no passo a passo de cada cena e a cada surpresa que se descortina diante de seus ouvidos e de seus olhos. É impossível ficar indiferente!

O modo para enfrentar essa situação também havia sido sugerido por José ao Faraó. Em primeiro lugar, o Faraó deveria escolher e estabelecer sobre toda a terra do Egito, um homem inteligente e sábio. O ouvinte-leitor já sabe que José foi o escolhido pelo Faraó e pelos seus ministros (cf. Gn 41,37-45). Em segundo lugar, o Faraó deveria decretar uma política agrária bem articulada: o armazenamento de um quinto de tudo o que a terra produzisse durante os sete anos de abundância, a fim de que, nos sucessivos sete anos de carestia, a terra do Egito não fosse exterminada pela fome. Esta medida começou a ser tomada logo após a ascensão de José como administrador de toda a terra do Egito (cf. Gn 41,46-49).

A ação provedora de José, porém, parece não ter sido suficiente para enfrentar a situação, pois se segue a notícia: "exauriu-se a terra do Egito e a terra de Canaã diante da fome". A prata permitiu comprar o grão, mas isso não resolveu o problema do esgotamento da terra do Egito e da terra de Canaã. O que se narra em Gn 42,1–44,34 serve para mostrar que a família de José tinha condição de adquirir víveres no Egito (havia riqueza na terra de Canaã) e que o sonho de José também estava por se realizar: a sua família se dobrando diante dele (cf. Gn 37,5-11).

Pelo v. 14, o narrador informa que a terra do Egito e a terra de Canaã não ficaram esgotadas somente pela fome, mas ficaram esgotadas, também, de prata. Em contrapartida, a casa do Faraó se enche de prata, como os armazéns tinham ficado cheios de grãos durante os anos da abundância. Com o fim da prata, o narrador cede, pela primeira vez, a fala aos egípcios. Estes, de mãos vazias, se apresentam diante de José com uma súplica, para que se evitasse um novo esgotamento da terra do Egito: "Dá, para

nós, pão! Por que morreremos na tua frente? Pois a prata se esgotou!". Esta fala dos egípcios recapitula Gn 41,56.

Na sequência, o narrador permite a primeira replica a José, que atende ao pedido dos egípcios, aceitando a solução proposta para se enfrentar a dura situação. José impôs uma condição: a permuta do pão pelo gado. Esta permuta faz lembrar a primeira parte do sonho do Faraó: as vacas gordas sendo devoradas pelas vacas magras. Assim o primeiro ano de carestia passou e foi suportado pelos egípcios, que ficaram, porém, sem a sua prata e sem o seu gado, isto é, sem os seus bens móveis, sinônimo de riquezas. Esta posse do gado por José permitiu que, pela lógica interna, os seus irmãos pudessem se tornar os futuros pastores dos rebanhos do Faraó (cf. Gn 46,33; 47,3-6). Fica em suspense uma questão: Qual o sentido a ser atribuído ao julgamento emitido pelo narrador: "porque abominação do Egito é todo pastor de ovelha" (Gn 46,34c). Esta informação liga-se com a disposição à mesa na hora da refeição, em relação aos hebreus (cf. Gn 43,32). As atitudes de José serviriam para despertar nos irmãos a lembrança que os levasse ao seu reconhecimento por eles (WÉNIN, 2007, pp.155-157).

Os vv. 13-17 apresentam o problema, a primeira solução, o agravamento do problema e a nova situação. Assim, passou o primeiro ano de carestia, gerando a perda material dos bens que os egípcios possuíam. Para o narrador, todos os egípcios possuem as mesmas condições: todos têm prata para comprar pão, todos têm animais para permutar por pão, todos são capazes de se venderem e alienarem a sua terra para não morrerem, pois desejam viver. Em contrapartida, o grupo dos sacerdotes continua tendo pão e sem a necessidade de alienar as suas terras.

A trama narrativa fica assegurada pelo dado temporal oferecido pelo narrador: "naquele ano" (v. 17.18) e "no ano seguinte" (v. 18). Estes são os dois primeiros anos da carestia. Tem início o segundo ano e, com ele, um agravamento ainda maior do problema. A fala é cedida, novamente, aos egípcios que parecem ser os mesmos, pois são recordadas as providencias anteriores: a prata e a permuta dos animais. Em seus lábios, porém, uma nova solução surge a partir da sua constatação: "não permanece nada diante de meu senhor, senão nosso corpo depauperado e nosso solo". De algum modo, isso era indício de morte, mas para que esta não acontecesse de fato, eis que os egípcios propõem uma nova solução: "compra-nos e nosso solo por pão e seremos nós e nosso solo escravos do Faraó, mas dai semente, pois queremos viver e não morreremos e o solo não fique desolado".

O narrador não cedeu, de imediato, a fala a José. Limitou-se em dizer que José acolheu a dura solução apresentada pelos egípcios. Com esta alienação pessoal e do próprio solo, devido à fome, todo o território passou totalmente para as mãos do Faraó. Deste momento em diante, a vida e a sobrevivência dos egípcios, nos cinco anos seguintes de carestia, passaram a depender exclusivamente do Faraó por meio de José.

naocomercial.0CreativeCommons

Segue-se à nova solução encontrada pelos egípcios e aceita por José, duas notícias que parecem quebrar a sequência narrativa. O narrador menciona que o povo percorreu as cidades do Egito (v. 21), mas não informa que povo e que cidades. Isto cria um suspense. A outra notícia tem a ver com uma limitação nas ações comerciais de José, que não pode comprar o solo dos sacerdotes, pois estavam amparados pelo Faraó. Com isso, corrige-se a notícia, José não pode comprar "todo o solo do Egito" (v. 20), pois "o solo dos sacerdotes" não podia ser vendido.

A exceção notificada permite que o ouvinte-leitor perceba a realização de uma fala do Faraó a José: "Tu estarás à frente da minha casa e de tua boca dependerá todo o meu povo; deixarei por cima de ti somente o trono". Com isso, o Faraó colocou todo o Egito sob o controle de José (cf. Gn 41,40-41), mas para mostrar que o Faraó estava acima de José, mudou-lhe o nome para Safanet-Fanec, que significa "Deus disse: ele está vivo" (cf. Gn 41,45), e o narrador anuncia uma limitação.

Ao lado disso, porém, não se deveria esquecer que José foi dado em casamento pelo Faraó com Asenet ("a que pertence à deusa Neith"), filha de Putifar ("dom de Rá"), sacerdote de On (cf. Gn 41,45), isto é, Heliópolis. Por este casamento, o Faraó colocou José ao lado do alto clero do Egito. Com Asenet, José teve dois filhos, Manassés ("ele me fez esquecer") e Efraim ("ele me tornou fecundo"), que nasceram antes do início da carestia (cf. Gn 41,50-52; 46,20). No contexto do êxodo, Moisés, curiosamente, era descendente da tribo de Levi e se casou com Séfora ("pardal?"), filha de Jetro ("pausa/parada?"), sacerdote de Madian, com a qual teve dois filhos: Gerson ("residente estrangeiro", cf. Ex 2,22) e Eliezer ("meu Deus é socorro", cf. Ex 18,4)[6].

A fala interrompida pelas notícias adicionais é retomada no v. 23 e o narrador concede mais uma vez a voz a José, afirmando a compra dos egípcios e do solo para o Faraó. Não se fala de pão, mas de sementes que devem servir para semear o solo, que não mais lhes pertence. Do que for colhido, José estipula um quinto para o Faraó. Com esta norma, o ouvinte-leitor pode se lembrar da estratégia apresentada por José ao Faraó durante os sete anos de fartura: a quinta parte dos produtos da terra do Egito deveria ser armazenada para vencer os sete anos de carestia (cf. Gn 41,34-36).

A política agrária de José continua a mesma, mas aplicada sobre o solo que já pertence ao Faraó. O v. 24, porém, representa uma justa divisão, em cinco quintos, dos produtos extraídos do solo semeado: um quinto para o Faraó, um quinto para semear o campo, e três quintos para alimentar "os que se venderam", os que habitam as suas casas e o filho pequeno. Paira,

[6] Para uma abordagem exegética desses episódios, veja-se: FERNANDES – GRENZER, 2011.

porém, uma dúvida: sobre que solo se deveria semear? Poder-se-ia pensar no solo dos sacerdotes, razão pela qual o povo atravessou as cidades?

A réplica dos egípcios a José desconcerta, ainda mais, o ouvinte-leitor, pois se dirigem a José com grande gratidão. Aceitam a política agrária de José como um ato de benevolência: "Deste-nos vida! Encontramos graça aos olhos do meu senhor", pelo qual repetem, reafirmando a sua nova condição social: "E somos escravos do Faraó" (Gn 47,25)[7]. Este reconhecimento, porém, permite que se veja a política agrária de José como concretização da promessa feita ao seu pai Jacó: "e por ti serão benditos todos os clãs da terra e por tua descendência" (Gn 28,14), em conformidade com as promessas feitas a Abrão (cf. Gn 12,3; 18,18; 22,18) e a Isaac (cf. Gn 26,4). Assim pode ser julgado o contexto das ações de José (WENHAM, 1994, p. 452).

Na dinâmica do êxodo, ao contrário, é possível reconhecer na murmuração dos que foram libertos do Egito, diante da escassez própria do deserto, uma contradição semelhante à dos egípcios: era preferível a condição servil, pois tinham alimento com fartura no Egito. Assim, conforme a tradição rabínica, fica estabelecida a conexão entre as ações de José no Egito com as promessas feitas aos patriarcas e a ação libertadora que aconteceu pelas mãos de Moisés (ZVI RON, 2000, 256-259).

Conclusão

O Egito, devido à sua importância cultural, para a antiguidade e para o mundo circunvizinho, e graças aos vários monumentos e documentos que deixou para a posteridade, dentre os quais os numerosos artefatos que se tornaram objetos valiosos de vários museus, sempre despertou o interesse de estudiosos e historiadores. Sem dúvida, o Egito representou uma grande civilização que existiu durante milênios.

Todavia, o Egito tornou-se conhecido, igualmente, pelas numerosas alusões contidas nos textos bíblicos, principalmente no Antigo Testamento. Por meio desses textos, o ouvinte-leitor percebe que o Egito, por sua privilegiada posição geográfica, influenciou relações favoráveis e desfavoráveis com o antigo Israel. Neste sentido, a "história de José" e o êxodo do Egito tornaram-se célebres páginas dessas relações. Na base dessas duas relações encontram-se as temáticas da morte e da libertação. Na verdade, o Egito passou a fazer parte integrante da história do antigo Israel.

[7] A questão da escravidão narrada na história de José tanto deste, que foi vendido pelos próprios irmãos, como dos egípcios que se reduzem a essa condição, para não morrer de fome, pode ter um eco na documentação jurídica presente nos textos ugaríticos (MÁRQUEZ ROWE, 2004, 335-343).

naocomercial.0CreativeCommons

Gn 47,13-26 permite dizer que se está diante de uma forte crítica ao sistema de propriedade vigente no Egito, pelo qual esta podia ser alienada por seus donos, de modo que grande parte do território podia pertencer ao Faraó. Por sua vez, a terra de Canaã pertencia exclusivamente a YHWH. Esta foi dada aos filhos de Israel por meio de Josué que a conquistou e a dividiu entre as tribos. Isto significava aceitar um sistema individual de propriedade inalienável. Uma tentativa de se possuir a terra de Canaã, nos moldes do que se passava no Egito, encontra-se narrado na iniciativa de Salomão dividi-la em doze regiões, com doze governadores instituídos, a fim de manter a máquina administrativa mensalmente (cf. 1Rs 4,7).

Por esta ótica, consegue-se entender porque Jeroboão, para proteger a sua vida da fúria de Salomão, fugiu para o Egito (cf. 1Rs 11,26-40). A explicação surge de forma lógica: Jeroboão era, igualmente, um "filho" do Egito, já que José, seu antepassado, tinha se casado com uma egípcia, com a qual teve Manassés e Efraim (cf. Gn 41,50-53). A bênção de Jacó, às avessas, testemunha, por um lado, a adoção hebraica que suplanta a força da raça egípcia, mas, por outro lado, evidencia a grandeza de Efraim sobre Manassés (cf. Gn 48,1-22). As relações dos efraimitas parecem ter sido mais calmas com os da tribo de Levi do que com os da tribo de Judá, basta lembrar que Josué, também, um efraimita, foi o fiel assessor e sucessor de Moisés.

A bênção patriarcal da multiplicação da descendência começou a acontecer, de fato, em terra estrangeira (cf. Gn 15; 46,27; Ex 1,7.10.12.19; Dt 10,22). Por isso, no âmbito das relações, o Egito foi para o antigo Israel: "celeiro de víveres", "oportunista desfrutador", "tentação de bem-estar", "ilusão de aliança política", "castigo", "salvação", etc. Percebe-se o porquê dos oráculos proféticos de condenação proferidos sobre Egito serem mais numerosos (cf. Is 19,1-15; Jr 43,11-13; 46,2-26; Ez 29,1-21; 30,1-26; 31,1–32,32; Jl 4,19; Zc 14,18-19) do que os oráculos de salvação (cf. Is 19,16-25). Isto já denota que a libertação ocorrida no êxodo dos filhos de Israel, devido à opressão, imprimiu e condicionou toda a visão sócio-político-religiosa sobre o Egito.

Há uma inversão gritante: José, que fora vendido por seus irmãos e tornara-se escravo, veio a ser o homem mais importante de todo o Egito e, por suas estratégias administrativas, fez de todos os egípcios escravos do Faraó. José chega ao posto mais alto da máquina administrativa do Egito e coloca em xeque ou mostra que pode haver uma exceção para o temor contido em Pr 30,21-23:

> "Por três coisas a terra treme e por quatro não pode suportar: por um escravo quando chega a rei e pelo néscio quando está farto de pão; por uma desdenhada mulher quando chega a casar-se e pela criada quando desbanca a sua patroa".

A dinâmica hierárquica familiar ou social cede espaço para uma mudança na estrutura: é possível que o mais jovem possa se destacar e governar os

mais velhos. Isto ficou anunciado no sonho que José revelou aos irmãos e ao pai (cf. Gn 37,2-11). De igual modo, pode-se perceber que a mesma dinâmica ocorreu com o rei Davi, que era o oitavo e último filho de Jessé (cf. 1Sm 16,10-13; a genealogia de Jessé em 1Cr 2,15 fala que Davi era o sétimo filho), mas, antes disso, o jovem Samuel já despontava como líder no lugar do sacerdote Eli (cf. 1Sm 3,1-21).

José, por certo, não aparece tanto como um exemplo de fé em Deus, mas como alguém que, guiado pelo uso da sua razão e por suas grandes habilidades estratégicas, consegue obter grandes êxitos na sua vida. Todos estes se dão, porém, graças à assistência de Deus (cf. Gn 39,2-3.21), que é o verdadeiro condutor da história de José e, por ele, do seu povo. Uma fala de José é decisiva, pois apresenta a sua leitura dos acontecimentos:

> "E agora, não fiqueis aflitos e não arda em vossos olhos, porque para cá me vendeste; porque para preservar a vida, mandou-me Deus diante de vós; porque isto: dois anos a fome está no meio da terra e ainda cinco anos sem ser arada e segada. Deus, porém, mandou-me diante de vós para por para vós um resto na terra e para vos fazer viver com grande libertação" (Gn 45,5-7).

Do ponto de vista sócio-político, por detrás de Gn 47,13-26 encontra-se uma contraposição entre o regime monárquico despótico e o participativo. O Egito é apresentado, nesse episódio, como uma terra na qual todos os seus habitantes podem perder os seus bens para o seu monarca e serem reduzidos à condição de escravos. Por isso, José não tratou os seus irmãos da mesma forma (KESSLER, 2009, 134-135).

Nos lábios de José, esta lição teológica dos acontecimentos permite perceber que as promessas patriarcais ainda permanecem válidas e que o ouvinte-leitor veja, por detrás de injustiças humanas, ações previdentes e providentes de Deus. José, por isso, é apresentado como alguém capaz de interpretar não somente os sonhos, mas favoravelmente os fatos desfavoráveis da própria vida em função da vida dos demais da sua família.

Enfim, o ciclo ou história de José permite mostrar, no universo de tantas possibilidades de leitura não excludentes, como se desenvolve o plano de Deus na vida de uma pessoa escolhida, que faz carreira fora do seu ambiente natural em função e benefício do seu povo. A escolha divina, porém, não retirou o sofrimento da vida do eleito, mas fez desse sofrimento o caminho da sua ascensão sócio-política.

naocomercial.0CreativeCommons

Referências

CAZELLES, H., *História Política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo: Paulus, 1986.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. Volume 1: Dos primórdios até a formação do Estado. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2000.

FERNANDES, L. A. – GRENZER, M., *Êxodo 15,22 – 18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FERNANDES, L. A., *O Anúncio do Dia do Senhor. Significado profético e sentido teológico de Joel 2,1-11*. São Paulo: Paulinas, 2014.

FINKELSTEIN, I. – SILBERMAN, N. A., *Le trace di Mosè. La Bibbia tra storia e mito*. Roma: Carocci, 2002.

KESSLER, R., *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

MÁRQUEZ ROWE, I., "How can someone sell his own fellow to the Egyptians?". In: *Vetus Testamentum* 54 (2004), pp. 335-343.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.

SIGMON, B. O., "Shadowing Jacob's Journey: Gen 47:13-26 as a Sideshadow". In: *Biblical Interpretation* 19 (2011) pp. 454-470

SOGGIN, J. A., *Storia D'Israele*. Brescia: Paideia, 2002.

WENHAM, G., *Genesis 16–50.* Dallas, Texas: Word Books, 1994.

WÉNIN, A., *Giuseppe o l'invenzione della fratellanza. Lettura narrativa e antropologica della Genesi IV Gn 37 – 50*. Bologna: EDB, 2007.

ZVI RON, "The significance of Joseph's agrarian policy". In: *Jewish Bible Quarterly* 28 (2000) pp. 256-259.

Leonardo Agostini Fernandes. Presbítero da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontificia Universidade Gregoriana de Roma (2008). Diretor e Professor de Sagradas Escrituras do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professor de Sagradas Escrituras do Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Publicou entre outros: *A Bíblia e a sua Mensagem — introdução à leitura e ao estudo da Bíblia*, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010; *Rute*, São Paulo: Paulinas, 2012 e *O Anúncio do Dia do Senhor. Significado profético e sentido teológico de Joel 2,1-11*. 1, São Paulo: Paulinas, 2014.

Endereço: Departamento de Teologia
Pontifícia Universidade Católica
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
22441-900 *Rio de Janeiro* – RJ
e-mail: laf2007@puc-rio.br